

4

Por que ir a Ferdinand de Saussure?

Com a publicação do *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916, a Linguística moderna tem, consensualmente, seu ato inaugural. Apesar da subsequente ruptura epistêmica que se dará nos anos 60 da década de XX, em relação à obra inaugural citada, ruptura que norteia em grande parte os estudos contemporâneos dessa ciência, e, antes disso, apesar da complementação do trabalho saussuriano obtida com o Círculo de Praga, a publicação da referida obra goza do caráter de primogenitura da cientificidade dos estudos linguísticos.

Ocorre que, até o advento do *Curso*, o enfoque dos estudos em língua – salvo raras exceções, como a de Meillet – era dado a fatos isolados, particulares, acidentais (como mudanças fônicas pontuais, por exemplo, o grande foco dos neogramáticos, que, por sua vez, falavam em “leis”, que pressupõem algo imutável, e utilizavam termos das ciências naturais, como “raiz”, “tronco”, “família” etc.), sobretudo calcados em poucos fatores históricos e esparsamente empíricos. Estes, por sua vez, eram ocorridos, frequentemente, segundo o sofisma do *non sequitur*, o que retirava da língua (e da suposta “linguística”) não apenas o seu caráter globalizante, *geral* (i.e, que lhe pudesse fornecer subsídios de matéria sistematizável em si), como, principalmente, e muito em função daquele primeiro fator, excluía-a do universo de estudos científicos.

Deve-se mencionar que a formação acadêmica inicial de Saussure é exatamente a mesma dos neogramáticos, de que ele, pois, fazia, no início, parte ativa. No fim do século XIX, não se considerava “digno”, por assim dizer, fazer-se gramática descritiva. Devia haver uma preocupação histórico-comparativista a fim de que tais estudos fossem lacrados com o apanágio da legitimidade acadêmica.

Saussure herdou essa mesma postura acadêmica então vigente. Ocorre que, no entanto, ao conhecer a Gramática indiana de Pāṇini, que é patentemente sincrônica, o mestre rompe a tradição a que ele mesmo pertencia (a dos neogramáticos, historicistas, naturalistas) e demonstra a possibilidade de se tomar a Linguística não apenas como ciência independente das demais a que

era muito fortemente vinculada, como principalmente lhe oferece um arcabouço sincrônico.

É exatamente a favor disso que Saussure vai oferecer novo ponto de vista, propondo um método que se fixou na preponderância da língua como estrutura em si mesma, independente (e *excludente*, o que será, como se apontará neste trabalho, um entrave proveniente do trabalho saussuriano) de suas sucessivas mudanças no tempo e das intervenções humanas que as promoviam, as quais ele via como demasiado heteróclitas, heterogêneas e não sistematizáveis, uma vez que as associava a caracteres ligados à fala, sendo, pois, sobremaneira individuais e, portanto, idiossincráticos para serem encarados como objeto passível de observação sob o viés da metodologia científica.

Soma-se a essa restrição imposta por Saussure o fato de que, à época, o estudo científico – e era exatamente neste ponto que havia o citado divórcio entre o método dos neogramáticos e o das ciências em geral – era excessivamente vinculado às metodologias racionalista (sobretudo de Descartes), idealista (destacando-se Platão), positivista (Comte e Durkheim) e Objetivista (Kant e Husserl), que, como será visto, foram as principais influências para a construção metodológica de Ferdinand de Saussure, que alinhou o estudo da língua com o modo de fazer ciência então em vigor. A criação do Estruturalismo, inclusive como ciência-piloto a diversas outras pesquisas e epistemes (como a psicanálise lacaniana, a semiótica, a sociologia²⁷) embora já viesse há séculos sendo esboçada, também encontrou literal descrição metodológica no mestre de Genebra.

O que importa é que a nova postura metodológica assumida pelo mestre suíço permitiu que se observassem os fenômenos da língua no seu estado em determinado momento, promovendo o conhecido “corte” sobre a linha do tempo, seu *estado*, portanto, em vez de haver preocupações fenomenológicas com fatos que ocorressem aleatoriamente na dinâmica histórica daquela língua. Esse parâmetro metodológico era inflexível no que se referia a observar a língua inteira como um sistema de antinomias (que, no mestre, eram indissociáveis, porém irreconciliáveis), i.e., os fatos só deveriam ser analisados sob a perspectiva holística dentro da qual estivessem inseridos apenas num dado momento, deixando de ser, só assim, exemplos fortuitos e de parca

²⁷ Cf. Lacan, 2003; Barthes, 2004.

comprovação. Isso significa que Saussure procurava fugir do que alguns se chamou de “empirismo rasteiro”.

A despeito disso, muitos críticos apontarão no Mestre exatamente esse defeito em algumas de suas condutas. Dentre tais teóricos, podem-se citar Bakhtin, Coseriu, Bourdieu e outros, além dos pertencentes ao Círculo de Praga, que, no entanto, em vez de buscar a derrubada da metodologia e da teoria proposta por Saussure, fizeram-na passar por um crivo rigoroso a fim de achar-lhe lacunas que pudessem ser complementadas, e não meramente refutadas.

Assim, é inegável, sim, a contribuição primeira de Ferdinand de Saussure, sobretudo ao procurar observar a língua como um todo, e, a partir daí, analisar os dados isolados que proviessem dessa totalidade estruturante e estruturada.

Por isso, a grande contribuição de Ferdinand de Saussure foi denominada de *Estruturalismo* ou de “linguística estrutural”, nas palavras de Lepschy (*apud* Lucchesi, 2004), na medida em que o estado da língua é uma abordagem que visa à *globalidade* dessa língua (daí Curso de Linguística GERAL) como estrutura, sistema, estado, sincronia, visão interna, social, e não mais como história, diacronia, dinamicidade, mudança, sequência, visão externa, individual.

Para Saussure, seria impossível exatamente a consecução dessa globalidade se se estudasse a língua pelo parâmetro histórico. Daí sua recusa em observá-lo, e sua preocupação em atentar exclusivamente para um dado momento, o referido estado, que, segundo ele, poderia, só ele, fornecer subsídios à sistematização própria do método científico. Se não se procedesse dessa forma, para Saussure, não se estaria fazendo uma ciência da língua. Portanto, pode-se dizer que a preocupação com o aspecto global da língua – o seu *sistema* – e a análise de quaisquer dados apenas em cotejo com tal sistema foi o elemento norteador do método saussuriano.

Essa globalidade significa, como ficou dito, que não se deve partir da compartimentação dos fatos em busca de respostas, mas que, ao invés disso, deve-se seguir o caminho oposto: os fatos devem estar encaixados num sistema que, por suas relações internas, expliquem-nos e justifiquem-nos. Mais uma vez, parte daí a recusa em observar a História da língua, pois, na ótica de Saussure,

sua heterogeneidade não permitiria a chegada a deduções sobre fatos da estrutura daquele sistema.

O segundo objetivo deste trabalho, como já ficou esboçado, é demonstrar que, apesar da inegável contribuição ao construto teórico da linguística moderna, sendo a metodologia saussuriana até mesmo um modelo ou ciência-piloto em relação a várias outras ciências do século XX (como Sociologia, Economia, Artes), a abordagem do mestre genebrino teve a lacuna (que já foi mencionada) de não supor que, dentro de seu modelo, haveria possibilidade de variação e, conseqüentemente, de mudança. Em outras palavras, para Saussure, a língua seria um esquema de tal modo estático em sua estrutura “em si”, que ali não se deveriam levar em conta variáveis de quaisquer naturezas, pois tais inserções seriam infensas à visão que então se instaurava sobre a linguística.

Com isso, a mudança linguística (considerada por ele como meramente fenomenológica, atomística, isolada, supostamente marcada tão só por fatores fortuitos e de comprovação vaga, falha ou duvidosa) passa a ser descartada do método de pesquisa por que Saussure propugnava.

A ida a tal extremo levará, como foi dito, à visão radical de que o sistema linguístico não suporta, pelo menos cientificamente, qualquer tipo de mudança, pelo fato de que, por ser algo incidental, a mudança não poderia ser comprovada ou sistematizada sob a ótica científica. Mais do que isso, ela obscureceria o objeto em si que, para qualquer ciência, deve ser o ponto de partida para suas descrições e conclusões.

Assim, o construto saussuriano precisará ser ampliado, a fim de abarcar o que, obviamente, faz parte da língua: a variação e, em muitos casos, a conseqüente mudança. Esse percurso, à frente, seguirá, basicamente, um modelo proposto que passa pelas seguintes etapas: problemas, restrições, transição, encaixamento, avaliação e implementação. Há algumas outras terminologias pertinentes a esse processo, que serão mostradas, mas, em todas elas, o objeto é o mesmo e as fases, pois, também o são.

Desse modo, a visão estrutural de Saussure, com ser um passo de inquestionável importância na fixação da linguística como ciência autônoma, pela definição e delimitação prévia de um objeto preciso de estudo, fomenta o hiato radical de não aceitar que mudanças linguísticas devessem, também, fazer parte

dos estudos científicos então implementados sobre aquele objeto inauguralmente demonstrado.

Apenas para citar um exemplo em que essa falha se mostra mais evidente, o que será mais bem explorado à frente, era clara a existência de variações na língua (refutadas como de caráter secundário por Saussure) que, muitas vezes, levavam às mudanças. Um dos fatores são as variáveis observáveis em qualquer ponto da História de uma língua, que, com o passar do tempo, ou bem pode dar “vitória” a apenas uma delas, ou bem pode acatar duas ou mais dessas variáveis como convalidadas pela gramática e pelo uso corrente, como formas concorrentes. Outra prova desse fator ocorre com o grande número de gramaticalizações havidas numa língua. Também podem-se citar, em menor quantidade, as lexicalizações. Todos esses são esboços de exemplos de que as variações existem na língua (muitas vezes concorrendo num mesmo momento histórico), e que, não raro, levam a mudanças efetivas no idioma.

E qual será a relação dessas mudanças com o sistema da língua?

Neste trabalho, ainda como seu segundo objetivo, serão usados justamente exemplos da língua portuguesa que procuram responder a essa pergunta. O principal *corpus* dessa demonstração se dará com a gramaticalização ocorrida com os verbos “ter” e “haver”, quando deixaram de ser nocionais (lexicais) e passaram a ser relacionais (gramaticais), um dos fatos linguísticos que marcaram a transição da língua portuguesa da fase arcaica e arcaica-média para a fase moderna (Bechara, 1985 e Bomfim, 2002). Além desse principal *corpus* de exemplificação, serão analisados, perfunctoriamente, alguns outros, em menor quantidade.

Também se mostrarão alguns casos na língua portuguesa contemporânea em que a concorrência de formas evidencia que há variáveis, e que elas podem levar (ou não) a uma mudança futura.

Deve-se destacar, ainda, mais uma vez, que, muito antes do rompimento ocorrido com a Sociolinguística do século XX (na década de 60), em que se podem destacar Labov, Herzog e Weinreich como principais teóricos, a contribuição saussuriana foi expandida pelo Círculo Linguístico de Praga (1926, com os trabalhos publicados entre 1929 e 1939), e, ainda entre um e outro, pelo teórico André Martinet (em 1952), que resgataram a importância dos estudos Fonológicos (que de certa forma foram estigmatizados por Saussure) e

propuseram a construção de um estruturalismo diacrônico, a que se acrescentou a noção de funcionalidade, uma vez que, para eles, estrutura e função eram elementos indissociáveis.